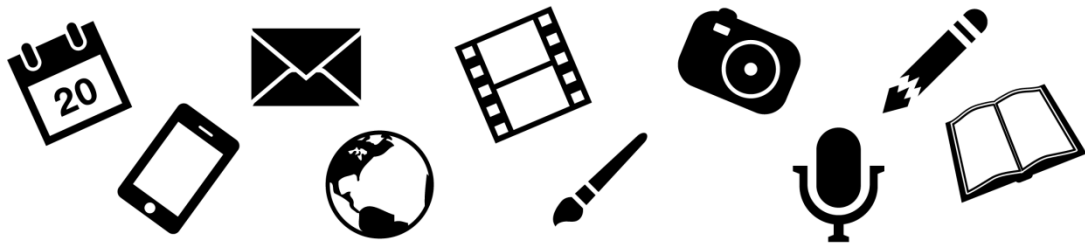




**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



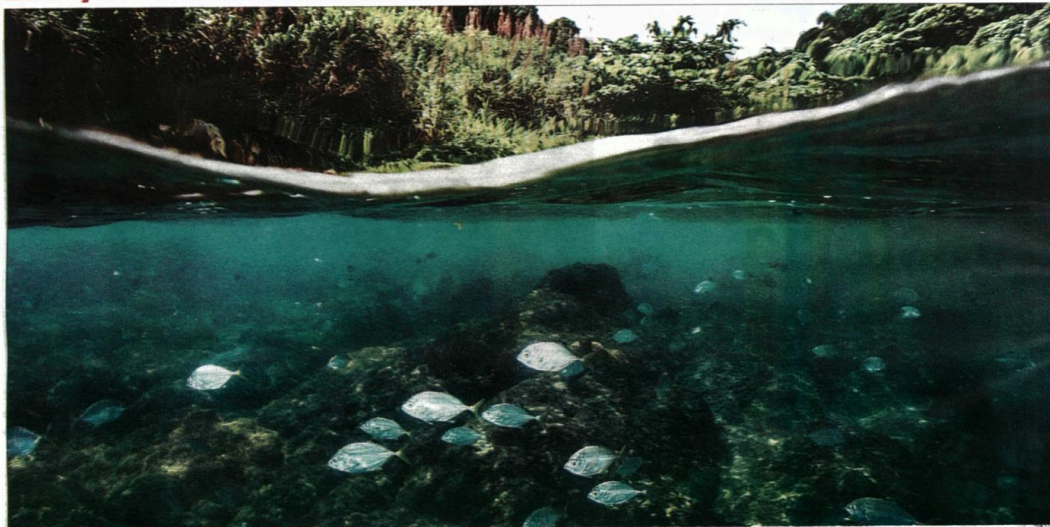
Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

06 e 07 de janeiro de 2018

Notícias do Dia Ambiente "Paraíso submerso"

Paraíso submerso / Livro / Projeto Monitoramento Ambiental da Reserva Biológica Marinha do Arvoredo e Entorno / MAArE / Vida marinha / / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Professor / João Paulo Krajewski / Andrea Freire / Barbara Segal / Coordenadoras / Departamento de Ecologia e Zoologia / Centro de Ciências Biológicas / CCB / Fapeu / Fundação de Amparo à Pesquisa e Extensão Universitária / Alberto Lindner / Marcio Soldateli

14/15.Ambiente NOTÍCIAS DO DIA
FLORIANÓPOLIS, SÁBADO E DOMINGO, 6 E 7 DE JANEIRO DE 2018



Paraíso submerso

Livro feito a partir de projeto de monitoramento ambiental mostra a rica vida marinha na reserva do Arvoredo

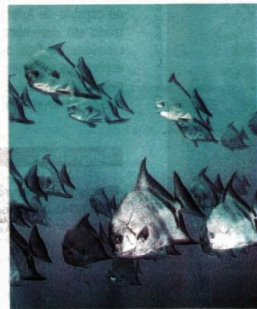
PAULO CLÓVIS SCHMITZ
pc@noticiasdodia.com.br

O livro é belíssimo, com centenas de imagens de moreias, lagostas, mexilhões, caranguejos, polvos, mariscos, camarões, estrelas-do-mar, raias-borboleta, vieiras, crustáceos, corais, algas, ouriços-do-mar, caramujos, anêmonas, pinguins, tartarugas – e peixes, muitos peixes. Após três anos de pesquisas, cerca de 130 expedições e o envolvimento de 170 pesso-

as de diferentes áreas da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), foi concluído no segundo semestre de 2017 o projeto Monitoramento Ambiental da Reserva Biológica Marinha do Arvoredo e Entorno, que responde pela sigla de MAArE. O trabalho resultou num volume de 270 páginas com acabamento de luxo e capa dura, distribuição dirigida e possibilidade de consulta pelo site do projeto (www.maare.ufsc.br), além de uma exposição itinerante com

parte das imagens da obra.

Embora as fotografias sejam o forte do volume, do ponto de vista estético, há textos bastante esclarecedores que tratam das características da reserva, do processo de ocupação humana da região e do entorno, do ambiente oceanográfico (as peculiaridades da área coberta), da biodiversidade marinha das ilhas da Rebio Arvoredo e dos desafios da gestão para a conservação dos ecossistemas abrangidos pela reserva. ●



DINULCIO MARINHO

À dir. a maria-da-toca, que apresenta uma ampla variedade de cores. Cardume de enxadas ou parus-brancos

Unidade é fundamental para a região

■ No primeiro capítulo, o professor João Paulo Krajewski, um dos organizadores do livro, faz um relato apaixonado da experiência com a reserva, que no seu caso teve início em 1997, quando tinha apenas 17 anos. Foram centenas de mergulhos, que começaram no contato surpreendente com os badejos, garoupas e cardumes de sardinha próximo à ilha do Arvoredo. A cada descida ao fundo ele se deparava com diferentes tipos de peixes, outros animais e com a paisagem submarina, repleta de surpresas e revelações. Depois, por conta de seus estudos em ecologia, mergulhou em mares distantes, explorou o fundo do oceano nas ilhas Fiji e na Austrália e, ao retornar a Santa Catarina, notou, que algumas espécies haviam perdido espaço e que a transparência da água estava menor.

Mesmo com as transformações antrópicas, a unidade de conservação, criada em 1990, é fundamental para a região. "Sem a reserva, não haveria tanta diversidade de peixes nesta área", afirma a professora Andrea Freire, uma das coordenadoras do projeto MAArE. "Nas décadas de 1960 e 1970, a região ao norte da ilha de Santa Catarina tinha muitos cações, meros e tubarões, que desapareceram dali. As mudanças nos peixes, que diminuíram de tamanho, refletem as modificações do litoral, o uso da terra e as atividades turísticas nas baías e próximo aos estuários. Este trabalho pode ajudar os gestores da unidade no acompanhamento de longo prazo, fornecendo dados sobre o ambiente marinho e o impacto das ações humanas".



Coordenadoras do projeto Barbara Segal e Andrea Freire. Obra conta com centenas de fotos da biodiversidade marinha



Área foi impactada pela expansão demográfica

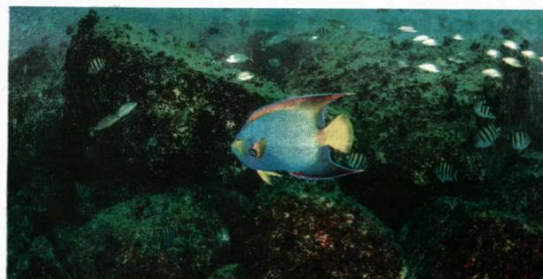
■ A ocupação humana no litoral catarinense tem cerca de seis mil anos, mas foi no século 20 que se tornou ostensiva, com a exploração dos abundantes recursos naturais, a urbanização e a pressão crescente sobre o meio. A biodiversidade terrestre e marinha foi impactada pela supressão da cobertura vegetal, a ocupação das encostas, os processos erosivos daí decorrentes e a ocupação

de margens de rios, restingas, planícies e manguezais – estes, berçários de muitas espécies que os utilizam como local de reprodução e desenvolvimento. A pressão sobre os mangues, por exemplo, é responsável pela redução da incidência de meros na Rebio Arvoredo, porque, se os adultos habitam grandes tocas nos costões rochosos, os juvenis crescem nos manguezais e baixios próximos ao mar.

E há ainda as práticas agrícolas, a pesca, a maricultura e o turismo como atividades que afetam os ecossistemas.

"Mostramos nosso trabalho a pescadores e caçadores submarinos, e eles ficaram sensibilizados com as fotos, disseram que não tinham muitas informações e falavam sobre as mangonas do passado", conta a professora Bárbara Segal, do Departamento de Ecologia

e Zoologia do CCD (Centro de Ciências Biológicas) da UFSC e coordenadora do MAArE. "Neste sentido, o projeto tem os papéis de informar as novas gerações e conscientizar as pessoas", afirma. "Elas precisam saber onde jogar o lixo, evitar o consumo de determinadas espécies no período do defeso, e também pressionar as autoridades por melhorias no saneamento".

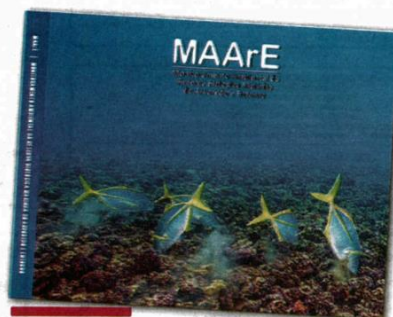


Rebio Arvoredo divide as águas quentes ao Norte e as frias ao Sul

■ Por meio do projeto MAArE fica-se sabendo que a Rebio Arvoredo divide as águas quentes ao Norte e as frias ao Sul – a temperatura do mar tem forte interferência na vida marinha. A reserva protege espécies que habitam as águas e costões na região, mas gera recursos para além de suas fronteiras, na medida em que, pelo chamado "efeito de transbordamento", permite que larvas de inúmeros pei-

xes e invertebrados colonizem as ilhas do entorno – Deserta, Galé, das Aranhas e do Xavier, especialmente.

O projeto MAArE teve o apoio administrativo da Fapeu (Fundação de Amparo à Pesquisa e Extensão Universitária) e, além de Bárbara Segal, Andrea Freire e João Paulo Krajewski, contou com a presença dos professores Alberto Lindner e Marcio Soldateli na organização.



LIVRO: MONITORAMENTO AMBIENTAL DA RESERVA BIOLÓGICA MARINHA DO ARVOREDO E ENTORNO

QUANTO: Distribuição dirigida e download gratuito em www.maare.ufsc.br/producao/livro-projeto-maare/

Polícia procura suspeito por morte de indígena / Gilmar César de Lima / Procurado / Prisão preventiva / Marcondes Nambla / Xokleng / Pauladas / Espancamento / Universidade Federal de Santa Catarina / Formado / Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica

SÁBADO E DOMINGO, 6 E 7 DE JANEIRO DE 2018

SEGURANÇA

Polícia procura suspeito por morte de indígena

IMAGENS E DEPOIMENTOS de testemunhas levaram delegado a pedir a prisão preventiva. Agentes buscam pistas no litoral e no Vale do Itajaí

LEONARDO THOMÉ

leonardo.thome@somosnsc.com.br

A Polícia Civil está à procura de Gilmar César de Lima, 23 anos, que está com preventiva decretada suspeito de agredir até a morte o professor indígena Marcondes Nambla, 36, na madrugada de Réveillon, na Avenida Eugênio Krause, em Penha, no Litoral Norte de Santa Catarina.

O pedido da prisão partiu do delegado Douglas Teixeira Barroco, de Balneário Picarras, que chegou ao suspeito a partir de imagens de câmeras de monitoramento e de depoimentos de testemunhas. Elas teriam presenciado as agressões, feitas com um pedaço de pau.

De acordo com o delegado, no dia em que a morte do indígena foi confirmada, em 2 de janeiro, a polícia partiu em busca de imagens que pudessem ajudar a elucidar o crime, já que o assassinato ocorreu na principal avenida de Penha, local de comércio variado. Além disso, pessoas que presenciaram as agressões foram ouvidas

e teriam indicado o suspeito como responsável pela morte de Nambla, que era do povo Xokleng. Ao juntar as peças e com fotos do suspeito e identificando as tatuagens dele, revela o delegado, foi possível chegar ao nome de Gilmar.

As câmeras nos ajudaram, mas testemunhas também foram fundamentais. Servidores da prefeitura de Penha que dirigiam um trator próximo do local viram a cena, perguntaram ao autor o motivo das agressões, e ele respondeu 'que era porque a vítima mexeu com o cachorro' - diz.

TATUAGENS AJUDARAM NA IDENTIFICAÇÃO

O delegado acrescenta que quando o suspeito teria saído do lugar do crime, com o pedaço de pau na mão, um senhor que o conhecia e sabia onde ele morava o reconheceu. Dias depois, foi quem ajudou a polícia a chegar à casa que Gilmar morava em Pe-



Gilmar de Lima

nha, no bairro Armação, duas quadras adiante.

Na moradia, onde o delegado Barroco e sua equipe estiveram na quinta-feira estava apenas o cachorro da raça Rottweiler que aparece no vídeo da agressão a Nambla e teria sido o motivo para o ataque ao indígena.

Barroso acredita que Gilmar não esteja mais em Penha, talvez em sua cidade natal, Gaspar, ou até em Itajaí. Diligências são feitas na região litorânea e também no Vale.

Quando ouvimos servidores da prefeitura, não tínhamos o nome do suspeito, porque eles não o conheciam, daí falaram de sua baixa estatura, fisionomia e tatuagens. Mas quando ouvimos o senhor que o conhecia e sabia até onde ele morava, comprovamos quem era o autor, porque as tatuagens ajudaram bastante, uma no pescoço e outra no braço - explica o delegado.

Barroco lembra que Gilmar agora está com dois mandados de prisão em aberto, um de homicídio e outro de tentativa de homicídio.



DIOGO VARGAS

diogo.vargas@somosnsc.com.br

“Mexeu com meu cachorro”

É possível alguém matar barbaramente uma pessoa porque ela mexeu com o cachorro da outra? Segundo a Polícia Civil, todos os indícios e depoimentos apontam que foi essa a razão pela qual o professor indígena Marcondes Nambla, 36 anos, foi morto de forma covarde e a pauladas em Penha.

O homem identificado por policiais como suspeito do crime é Gilmar Cesar de Lima, 22 anos, natural de Blumenau. Ele teve a prisão preventiva decretada pela Justiça e até a sexta-feira era considerado foragido - escapou inclusive de um cerco policial em uma casa na noite de quinta-feira, em Gaspar, conforme informou o delegado-geral adjunto da Polícia Civil, Marcos Ghizoni.

O assassinato teve repercussão nacional durante a semana, sendo veiculado em reportagens nos principais telejornais. A vítima tinha um histórico de dedicação à educação.

A polícia afirma que o autor do crime já tinha mandado de prisão em aberto por uma tentativa de homicídio, além de acusação de agressão doméstica. Nestas circunstâncias, como estava em liberdade?

Em Penha, uma testemunha contou à polícia ter indagado o homem após vê-lo desferir as pauladas contra o índio. Ouvia como resposta que ele havia mexido com o seu cachorro, um rottweiler que também aparece na filmagem. Não bastasse a banalidade do espancamento, o autor filmado ainda retornou a golpear o índio ao perceber que a vítima ainda não agonizava completamente.

Tempos cruéis. Afinal, por que tanta raiva e ódio a ponto de tirar a vida de alguém desta forma? Por mais que o indígena tenha feito algo - supostamente alguma provocação ou estivesse em seu estado de saúde não normal -, nada justifica tamanha covardia. Por enquanto, não há informação sobre intolerância racial neste trágico enredo.

Com 22 anos de atuação em júris populares e atuante na área criminal em Santa Catarina, o promotor de Justiça André Cunha Amorim mostra preocupação com o aumento da violência e a forma como ela tem se manifestado.

Há uma progressiva escalada da criminalidade. Antigamente, as mortes eram por briga de bar, uma traição descoberta. Hoje em dia são mais banais. A vida perdeu a importância que tinha. Havia júri uma vez ao mês, agora é toda semana - ilustra.

O promotor ressalta ser importante esclarecer se houve algum tipo de problema ou discussão anterior entre a vítima e o agressor e algo que envolvesse o cachorro. Aparentemente, a filmagem captada em via pública não mostra discussão e sim as constantes pauladas contra o indígena, que em nenhum momento oferece qualquer tipo de reação.

O contexto de foragidos e fugitivos no Estado por crimes é ainda mais grave em um panorama estadual. A Polícia Civil de Santa Catarina não conta com delegacia de capturas, ao contrário de outros Estados. Assim, prender pessoas com mandados de prisão se torna missão específica de cada delegacia, que então precisa elencar prioridades e tempo entre tantos outros trabalhos do dia a dia.

Uma segunda denúncia contra mesmo homem

Depois de a Justiça decretar a prisão preventiva de Gilmar César de Lima, conhecido como Gil, 23 anos, surgiu a informação de que o rapaz também responde por tentativa de homicídio contra um homem em Gaspar, no Vale do Itajaí, em janeiro de 2017.

Gilmar seria ainda suspeito em processos por furto, roubo, lesão corporal e receptação. Em um dos casos do ano passado, o Ministério Público de Santa Catarina (MPSC) o denunciou à Justiça por tentativa de homicídio com as agravantes de motivo fútil e impossibilidade de defesa da vítima, qualificadoras que a Polícia Civil também suspeita terem ocorrido no caso das pauladas que mataram Nambla. A denúncia contra ele, porém, ainda não foi analisada pela Justiça.

Segundo a denúncia do

MPSC, Gilmar, na época com 22 anos e morador de Gaspar, teria, com outro comparsa, usado um facão para agredir outro homem que consumia drogas na rua Arno Zimmermann, no bairro Gaspar Mirim.

No dia 1º de janeiro deste ano, o indígena Macondes Nambla, agredido por volta das 5h, chegou a ser levado ao hospital Marieta Konder Bornhausen, em Itajaí, no entanto morreu um dia depois.

Ele era professor na escola indígena José Boiteux Iaklano, no Alto Vale do Itajaí. Também era orientador e lutava pelo fortalecimento da língua Xokleng. De acordo com colegas, atuava como juiz na aldeia. Fazia trabalho voluntário e era formado no curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, pela Universidade Federal de Santa Catarina.

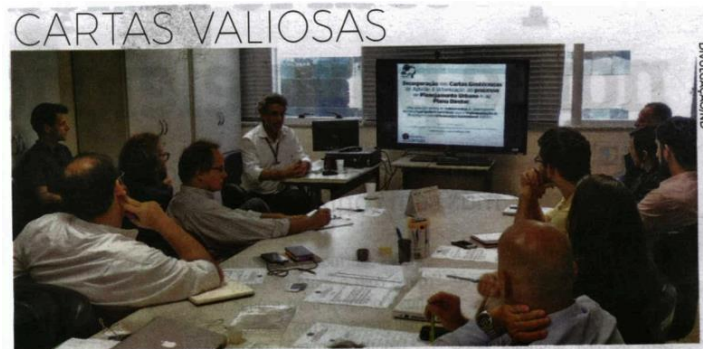
DEU NO DC

Reportagem publicada no dia 4 de janeiro contou que imagens de câmeras de segurança flagraram a morte do professor indígena Marcondes Nambla, espancado na madrugada de 1º de janeiro em Penha.

SEGURANÇA
Polícia investiga morte de indígena no Litoral Norte

Notícias do Dia Janine Alves "Cartas valiosas"

Cartas valiosas / Ministério das Cidades / Associação dos Municípios da Região da Grande Florianópolis / Cartas Geotécnicas de Aptidão à Urbanização / UFSC / Planejamento



O Ministério das Cidades aceitou a solicitação da Associação dos Municípios da Região da Grande Florianópolis e, a partir de agora, os nove municípios da Região Metropolitana poderão utilizar as cartas Geotécnicas de Aptidão à Urbanização, elaboradas pela UFSC por meio de convênio com o Ministério das Cidades. Os municípios de Águas Mornas, Biguaçu, Governador Celso Ramos, São Pedro de Alcântara e Santo Amaro da Imperatriz acabam de ser incluídos no projeto.

A equipe de Planejamento Urbano da Granfópolis utilizou as Cartas Geotécnicas de Aptidão à Urbanização, de forma pioneira no país, na reelaboração do Plano Diretor Participativo de São José e despertou o interesse do Ministério das Cidades. Técnicos responsáveis pelo trabalho estiveram em Brasília apresentando os resultados (foto). As Cartas mapeiam áreas com condicionantes referentes a desastres naturais, especificamente deslizamentos e inundações, e indicam as mais aptas à ocupação. Uma importante ferramenta para o planejamento da região metropolitana.

Notícias do Dia Região

"Suspeito tem prisão decretada pela justiça"

Suspeito tem prisão decretada pela justiça / Gilmar César de Lima / Prisão preventiva / Marcondes Nambla / Xokleng / Pauladas / Espancamento / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Formado

INDÍGENA ASSASSINADO

Suspeito tem prisão decretada pela Justiça

A justiça decretou a prisão preventiva de Gilmar César de Lima, 22 anos. Ele é acusado de espancar e matar a pauladas o professor indígena Marcondes Namblá, 38, na madrugada do dia 1º, em Penha, no Litoral Norte. A decisão foi tomada com base em depoimentos de testemunhas e imagens de câmeras de vigilância. Lima fugiu ainda na noite do crime e está sendo procurado.

A investigação do homicídio está sendo acompanhada pela Funai (Fundação Nacional do Índio) e pela Procuradoria Federal Especializada, que estão prestando apoio à Polícia Civil. Em nota, a Funai confirma "a difícil realidade da população indígena local na luta pelo compartilhamento do espaço urbano na região".

Namblá, que era professor formado pela UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), estava em Penha para vender picolés com um grupo de indígenas da reserva de José Boiteux, no Alto Vale do Itajaí, onde morava.

Notícias do Dia
Néri Pedroso
"Serviço"

Serviço / DAC / Departamento Artístico Cultural / Universidade Federal de Santa Catarina / Chamada Pública / Seleção de instrutores de arte / Projeto cursos e oficinas livres de arte



Diário Catarinense e A Notícia
Moacir Pereira
"É candidato"

É candidato / Ubaldo Baltazar / Reitor pro tempore / Universidade Federal de Santa Catarina / Eleições / Andifes / Associação Nacional dos Dirigentes de Instituições Federais de Ensino Superior / Apoio / Ex-reitores / Rodolfo Pinto da Luz / Álvaro Prata / Continuidade / Gestão / Luiz Carlos Cancellier de Olivo



Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

06/01/2018

[Justiça decreta prisão de suspeito de matar professor e líder indígena em SC](#)
[Professor indígena é espancado a pauladas até a morte em Santa Catarina](#)
[Suspeito de matar professor indígena morava em Gaspar](#)

07/01/2018

[Marcondes Namblá: Desenhando com o próprio sangue](#)
[Assassinato de liderança indígena é trágico início para 2018](#)
[A trágica história do reitor cuja morte pôs em xeque os excessos da PF e da Justiça](#)